

## O SHOW DE DEUS: A Cosmovisão Cristã do Teodrama da História da Salvação nas Sagradas Escrituras e na Minissérie Televisiva “A Bíblia” (2013)

Wagner Pinheiro Pereira (IC) e Gerson Leite de Moraes (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

### RESUMO

O presente estudo tem como proposta principal realizar uma análise sobre o processo histórico de composição, transmissão e formação do cânon bíblico e da construção interpretativa bíblica da Teologia Teodramática, responsável por apresentar a Bíblia Sagrada – de *Gênesis* ao *Apocalipse* – como a Grande Narrativa da “História da Salvação” (*Heilsgeschichte*), cuja cosmovisão (*Weltanschauung*) cristã é revelada, numa composição literária orgânica, unificada e interconectada, através de um drama bíblico composto em quatro grandes atos – *Criação* – *Queda* – *Redenção* – *Consumação* –, desenvolvidos, por sua vez, por intermédio das noções da *Aliança de Deus com a Humanidade* (do Antigo Testamento), do *Reino de Deus* (do Novo Testamento) e da promessa divina da vinda do *Messias-Mediador* (presente em todos os livros da Bíblia Sagrada) para cumprir o Plano de Deus para a humanidade. A partir disso, o estudo buscará também desenvolver uma análise da forma como a visão interpretativa da Teologia Teodramática dos manuscritos das Sagradas Escrituras foi adaptada para as telas televisivas da minissérie americana “*A Bíblia – A Minissérie Épica*” (“*The Bible – The Epic Miniseries*”, 2013), produzida e dirigida pelo casal Roma Downey e Mark Burnett, com o objetivo de demonstrar como as manifestações artístico-culturais e as produções midiáticas tem sido responsáveis por sedimentarem e popularizarem uma visão unificada e interconectada da História Bíblica na cultura de massas dos séculos XX e XXI.

**Palavras-chave:** Bíblia. História da Salvação. Teodrama.

### ABSTRACT

The main proposal of this article is to carry out a study on the historical composition, transmission and formation process of the biblical canon and the biblical interpretative construction of Theodramatic Theology, responsible for presenting the Holy Bible – from *Genesis* to *Revelation* – as a grand narrative of the “*Salvation History*” (*Heilsgeschichte*), whose Christian *worldview* (*Weltanschauung*) is revealed, in an organic, unified and interconnected literary composition, through a biblical drama composed of four great acts – *Creation* – *Fall* – *Redemption* – *Consummation* –, developed, in turn, through the notions of the *Covenant of God with Humanity* (from the Old Testament), the *Kingdom of God* (from the New Testament) and the divine promise of the coming of the *Messiah-Mediator* (present in all the books of the Holy Bible) to fulfill God’s Plan for humanity. From this, the study will also seek to develop an analysis of how the interpretative view of Theodramatic Theology of the Sacred Scriptures’ manuscripts was adapted for the television screens of the American miniseries “*The Bible – The Epic Miniseries*” (2013), produced and directed by the couple Roma Downey and Mark Burnett, with the aim of demonstrating how artistic-cultural manifestations and media productions have been responsible for sedimenting and popularizing a unified and interconnected view of the Biblical History in the mass culture of the 20th and 21st centuries.

**Keywords:** Bible. Salvation History. Theodrama.

## 1. INTRODUÇÃO

A Jerusalém Celeste – Vi então um céu novo e uma nova terra – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido. Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: ‘Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!’

O que está sentado no trono declarou então: ‘Eis que eu faço novas todas as coisas’. E continuou: ‘Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras’. Disse-me ainda: ‘Elas se realizaram! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva. O vencedor receberá esta herança, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. Quanto aos covardes, porém, e aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impudicos, aos magos, aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.

*Bíblia Sagrada. Apocalipse 21:1-8.*

A perícopie bíblica acima, extraída do *Apocalipse*<sup>1</sup> de João (c. 95 d.C.), último livro do cânon das Sagradas Escrituras, simboliza a apoteose da revelação divina dada ao apóstolo João para estimular a fidelidade a Jesus Cristo em meio ao sofrimento e a perseguição enfrentados pelos primeiros cristãos através da afirmação de que Deus tem o controle absoluto da História e, indubitavelmente, a conduzirá à gloriosa consumação do triunfo de Cristo sobre todos os Seus inimigos (o dragão, a besta, o falso profeta, a prostituta da Babilônia, os incrédulos e a morte), assim, mostrando que no último capítulo da grande narrativa bíblica da *História da Salvação* (em alemão, *Heilsgeschichte*) haverá a retumbante vitória do *Cordeiro de Deus* (*Ebed lahweh*)<sup>2</sup> sobre o mal, fato que terminará por consumir o Plano de Deus para a humanidade. Afinal, conforme destaca Alister E. McGrath:

[...] a grande história da fé se concentra inicialmente num indivíduo e depois numa nação, antes de se expandir para abraçar o mundo inteiro. Deus chama Abraão para ser o pai do povo de Israel, de quem o Messias surgiria para a redenção ao mundo. [...] Este é um grande épico da criação, queda, redenção e consumação final, que capta a imaginação, aquece o coração e ilumina a mente. (MCGRATH, 2017, p. 54.)

Nesse sentido, o livro do *Apocalipse*, exemplar mais representativo da literatura apocalíptica<sup>3</sup>,

<sup>1</sup> A origem etimológica da palavra “Apocalipse” vem do verbo grego clássico *apokálypsis* (ἀποκάλυψις), que é a junção de ação de *ápo* (ἀπό) mais *kalúptō* (καλύπτω) formando, então, o sentido de *descobrir, desvendar, tirar o véu*, ou seja, *revelar, colocar o que está oculto à luz do dia*. Esse conceito teve seu início na mitologia grega, mais especificamente no poema épico *Odisseia* (século IX a.C.), do poeta grego Homero, quando o herói Ulisses naufragou numa ilha em que a ninfa Calipso habitava. Calipso vivia escondida em uma gruta e sua ação foi acolher Ulisses em sua morada e, uma vez apaixonada pelo herói, escondeu-o por sete anos, por isso que seu nome grego *καλυπτός* (*kalyptós*) significa *escondida, oculta, coberta*. Cf. LOPES, 2019, p. 217.

<sup>2</sup> De acordo com Oscar Cullmann, no Novo Testamento não se fala quase nunca da *pessoa* de Cristo sem que se trate, ao mesmo tempo, de sua *obra*. Nessa perspectiva, os títulos cristológicos mencionados são numerosos e cada um deles mostra um aspecto particular da função/obra de Jesus Cristo, tais como: *profeta, Sumo Sacerdote, Mediador, Servo de Deus, Cordeiro de Deus, Messias, Filho de Davi, Filho do Homem, Juiz, Santo de Deus, Kyrios, Salvador, Rei, Logos, Filho de Deus, Deus*. No caso do título “Cordeiro de Deus”, o autor destaca que: “a) *ele deve ser compreendido como uma variante da denominação do Ebed lahweh – “Servo Sofredor”, cuja ideia vem da tradição judaica – de antes de Jesus Cristo – do rito de sacrifício do cordeiro pascal, que tinha por objetivo, para os judeus, obter a expiação dos pecados do povo; b) Jesus não atribuiu a si tal título, mas aplicou à sua pessoa a ideia do sofrimento e da morte substitutivos, assim como a ideia da aliança restauradora entre Deus e seu povo pelo Ebed.; c) o cristianismo primitivo conservou a lembrança de ter o próprio Jesus consciência de realizar a obra do Ebed lahweh, título ressaltado e propagado pelo apóstolo Pedro; d) Para Paulo de Tarso, a morte expiatória de Jesus ocupa um lugar central. Embora ele não empregue o título de Ebed lahweh, os dois textos cristológicos mais importantes que reconhecem a Jesus a missão de Servo de Deus (1Co 15.3 e Fl 2.6ss.) são tomados por ele da tradição da igreja, tradição esta que ele faz sua.; e) o termo rapidamente passou a ocupar um lugar secundário, pois Paulo, que não viu a Cristo senão à luz da Ressurreição, preferiu servir-se de outro título cristológico para caracterizar a obra e a pessoa de Cristo: Kyrios, Senhor glorificado que faz a sua Igreja participar dos frutos de sua morte expiatória e que, ao mesmo tempo, prossegue sua obra messiânica de mediador”. CULLMANN, 2001. pp. 20, 26, 100-101, 109-110 e 108.*

<sup>3</sup> O termo “apocalipse” foi usado a partir do *Apocalipse de João* (mais especificamente o versículo 1 do capítulo 1) para referir-se a obras que tratem de questões relacionadas ao fim do mundo e ao mundo vindouro. No entanto, passou-se a usar o termo “apocalipse” para o tipo de literatura produzida pelos judeus na região da Palestina no período de IV a.C. a

apresenta múltiplas alusões, representações e alegorias que remetem a várias passagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamentos e intencionam não apenas nutrir a fé de todos aqueles que são servos de Cristo, mas principalmente permitir aos leitores e fiéis religiosos – tanto dos tempos bíblicos quanto dos dias atuais – a formação de uma cosmovisão (*Weltanschauung*) cristã do teodrama da História da Salvação da Humanidade.

Tendo-se em vista, portanto, o poder da construção imagético-discursiva da Bíblia Sagrada e de sua influência na história mundial ao longo dos séculos, a presente pesquisa de iniciação científica tem como proposta principal realizar um estudo sobre o processo histórico de transmissão, composição e formação do cânon bíblico e da construção interpretativa bíblica da Teologia Teodramática, responsável por apresentar a Bíblia Sagrada – de *Gênesis* ao *Apocalipse* – como a Grande Narrativa da *História da Salvação*, cuja cosmovisão cristã é revelada, numa composição literária orgânica, unificada e interconectada, através de um “drama bíblico” composto de quatro grandes atos – *Criação* – *Queda* – *Redenção* – *Consumação* –, desenvolvidos, por sua vez, por intermédio das noções da *Aliança de Deus com a Humanidade* (do Antigo Testamento), do *Reino de Deus* (do Novo Testamento) e da promessa divina da vinda do *Messias-Mediador* (presente em todos os livros da Bíblia Sagrada) para cumprir o Plano de Deus para a humanidade. A partir disso, o estudo buscará também desenvolver uma análise da forma como a visão interpretativa da Teologia Teodramática dos manuscritos das Sagradas Escrituras foi adaptada para as telas televisivas da minissérie americana *A Bíblia – A Minissérie Épica* (*The Bible – The Epic Miniseries*, 2013)<sup>4</sup>, produzida e dirigida pelo casal britânico de produtores de televisão Roma Downey (1960 - ...) e Mark Burnett (1960 - ...), com o objetivo de demonstrar como as manifestações artístico-culturais e as produções midiáticas tem sido responsáveis por sedimentarem e popularizarem uma visão unificada e interconectada da História Bíblica na cultura de massas dos séculos XX e XXI.

## 2. A BÍBLIA SAGRADA – “O LIVRO DOS LIVROS”: A REVELAÇÃO DO PLANO DE DEUS NA TRANSMISSÃO, COMPOSIÇÃO E FORMAÇÃO DO CÂNON BÍBLICO

A história da canonização da Bíblia é incrivelmente fascinante. Trata-se de um livro escrito e coligido ao longo de quase dois mil anos, sem que cada autor estivesse consciente de como a sua contribuição, i.e., como seu ‘capítulo’ se enquadraria no plano global. Cada contribuição profética era entregue ao povo de Deus simplesmente com base no fato de que Deus havia falado a esse povo mediante o profeta. De que maneira a mensagem se encaixaria na história total era algo que o profeta desconhecia inteiramente, e até mesmo para os crentes que de início ouviam, liam e reconheciam a mensagem. Somente a consciência dos cristãos, capazes de refletir nisso, em época posterior, é que poderia perceber a mão de Deus movimentando cada autor, mão que também moveria a cada um para produzir uma história global sobre a redenção de que só Deus mesmo poderia ser o autor. Nem os profetas que compuseram os livros, nem o povo de Deus que veio coligindo esses livros tiveram consciência de estar edificando a unidade global dentro da qual cada livro desempenharia uma função.

GEISLER, N.; NIX, W. *Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 73.

A Bíblia Sagrada, também conhecida como *Sagradas Escrituras*, foi escrita, segundo a tradição aceita

Il d.C. (Cf. LOPES, 2019, p.206.). Em 1979, John J. Collins propôs uma definição que enfatizava os aspectos de *forma* e de *conteúdo* da estrutura narrativa, apontando que: “‘Apocalipse’ é um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa. A revelação ao destinatário humano é mediada por um ser de outro mundo, que descortina uma realidade ao mesmo tempo temporal, uma vez que retrata uma salvação escatológica, e espacial, visto que envolve outro mundo, que é sobrenatural”. Já Adela Yabro Collins, em 1986, complementou: “[um apocalipse] visa a interpretar as circunstâncias terrenas atuais à luz do mundo sobrenatural e do futuro e também influenciar a compreensão e o comportamento dos destinatários por intermédio da autoridade divina”. Cf. Apud. KÖSTENBERGER & PATTERSON, 2015, pp. 481-482.

<sup>4</sup> *A Bíblia – A Minissérie Épica*. (*The Bible – The Epic Miniseries*). Direção: Roma Downey e Mark Burnett. Produtores: Roma Downey e Mark Burnett. Produção: Lightworkers Media. Exibição: History HD. Estados Unidos da América, 2013. 10 episódios: 440 minutos. 4 Blu-Rays.

pela maioria dos cristãos, por 40 autores, entre 1450 a.C. e 430 a.C. (livros do Antigo Testamento<sup>5</sup>) e entre 44 d.C. e 95 d.C. (livros do Novo Testamento<sup>6</sup>). Portanto, da História da Criação do Mundo e da Humanidade por Deus, contada no livro de *Gênesis* (c. 1450 - 1410 a.C.), à previsão do Juízo Final, revelada no livro de *Apocalipse de João* (c. 95 d.C.), cerca de 1545 anos se passaram até que a Bíblia Sagrada fosse completamente escrita ao longo da Antiguidade.

Os autores bíblicos representaram um grupo heterogêneo, incluindo pastores, reis, fazendeiros, sacerdotes, poetas, escribas, profetas, pescadores, dentre outros. A religião revelada por Deus é, evidentemente, a principal, mas as Sagradas Escrituras incluem ainda textos sobre história, filosofia, geografia, estatística, legislação, princípios éticos e morais, viagens, aventuras, guerras, amores etc. Por ser divino, o livro não pode deixar de ser humano – portanto, abrange tudo que se relacione com a vida e as atividades dos seres humanos. Afinal, a Bíblia Sagrada informa sobre tradições das três principais religiões monoteístas do mundo – judaísmo, cristianismo e islamismo –, assim como serve de matriz para a formação de uma cosmovisão que norteia as tradições de parcelas significativas das sociedades mundiais.

Como ponto de partida para a compreensão da discussão sobre a natureza divina e/ou humana dos textos que formam o cânon bíblico é importante já sinalizar a carga valorativa de significado dos termos *Bíblia Sagrada* e *Sagradas Escrituras*. De acordo com o *Novo Dicionário de Teologia*, o verbete “Escritura”, de autoria do teólogo J. I. Packer, apresenta a seguinte definição dos dois termos:

Do latim *Scriptura*, traduzindo o grego *graphê*, Escritura, palavra que significa “escrito”, usada cerca de cinquenta vezes na Bíblia, por alguns livros no NT e por quase todos no AT, é o nome histórico judaico-cristão para a literatura específica que a igreja recebe como instrução divina, ou seja, o testemunho de Deus de si mesmo, sob a forma de testemunho humano, a respeito de sua obra, vontade e caminhos e de como e porque a humanidade deve adorá-lo. A palavra “Bíblia”, por sua vez, é uma criação ocidental mais recente, resultante de uma leitura medieval equivocada do grego *biblia*, que significa “livros”, substantivo masculino plural, como substantivo feminino singular latino. O termo “Escritura” é usado, essencialmente, no mesmo sentido, tanto no singular quanto no plural; a Escritura, ou as Escrituras, significa, assim, o conjunto de todos os textos que compõem a Bíblia, como portador de conteúdo divino, unidade orgânica de ensino divino.

A Escritura expressa e medeia a autoridade de Deus. Representa formalmente seu direito de ser crido quando fala e obedecido quando ordena; e materialmente, representa a soma de declarações e direções segundo as quais Deus requer que vivamos. Daí, a Escritura ser chamada também de “cânon”, ou “canônica”. (PACKER, 2009, p. 361.)

As revelações divinas foram apresentadas inicialmente por meio da *transmissão oral* e se desenvolveram posteriormente por intermédio da *transmissão escrita*. Afinal, o Deus da tradição judaico-cristã é um Deus que domina o poder da palavra e que fala e se comunica numa língua dos seres humanos, conforme atesta o fato de que a primeira palavra que Deus pronuncia é a da criação:

No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia, havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

<sup>5</sup> A quantidade de livros do Antigo Testamento varia de acordo com a religião ou denominação cristã que o adota: a Bíblia dos cristãos protestantes e o Tanakh judaico incluem apenas 39 livros, enquanto a Igreja Católica possui 46 e a Igreja Ortodoxa em geral aceita 51. Os livros do Antigo Testamento aceitos por todos os cristãos como sagrados (chamados *protocanônicos* pela Igreja Católica) são: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números*, *Deuteronômio*, *Josué*, *Juízes*, *Rute*, *1 Samuel*, *2 Samuel*, *1 Reis*, *2 Reis*, *1 Crônicas*, *2 Crônicas*, *Esdra*, *Neemias*, *Ester*, *Jó*, *Salmos*, *Provérbios*, *Eclesiastes*, *Cânticos dos Cânticos*, *Isaías*, *Jeremias*, *Lamentações*, *Ezequiel*, *Daniel*, *Oseias*, *Joel*, *Amós*, *Obadias*, *Jonas*, *Miqueias*, *Naum*, *Habacuque*, *Sofonias*, *Ageu*, *Zacarias* e *Malaquias*. As versões bíblicas católicas e as das igrejas ortodoxas orientais contêm alguns outros livros no Antigo Testamento. No caso da Bíblia católica, ela possui outros 7 livros completos: *Tobias*, *Judite*, *1 Macabeus*, *2 Macabeus*; *Baruque*; *Sabedoria* e *Eclesiástico*, além de alguns acréscimos aos livros de *Ester* (10:4 a 11:11 ou a 16:24) e *Daniel* (3:24-90, capítulos 13 e 14). Todos esses livros e fragmentos adicionais, chamados de “deuterocanônicos” pelos católicos e de “apócrifos” pelos protestantes, estão disponíveis na tradução grega do Antigo Testamento, datada do Século I a.C., a Septuaginta.

<sup>6</sup> O Novo Testamento é composto de 27 livros: *Evangelho de Mateus*, *Evangelho de Marcos*, *Evangelho de Lucas*, *Evangelho de João*, *Atos dos Apóstolos*, *Romanos*, *I Coríntios*, *II Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses*, *Colossenses*, *I Tessalonicenses*, *II Tessalonicenses*, *I Timóteo*, *II Timóteo*, *Tito*, *Filémon*, *Hebreus*, *Epístola de Tiago*, *Primeira Epístola de Pedro*, *Segunda Epístola de Pedro*, *Primeira Epístola de João*, *Segunda Epístola de João*, *Terceira Epístola de João*, *Epístola de Judas* e *Apocalipse*.

Disse Deus: "Haja luz!"; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz "dia" e às trevas, "noite". Houve tarde e manhã: o primeiro dia. (Gênesis 1:1-5.).

Na perícopa acima, fica demarcada a criação divina por intermédio da Sua palavra na serena soberania de sua ação gratuita, pois é exatamente ela a responsável por manter todo o universo unido. Caso Deus retirasse a sua palavra, a criação recairia no caos original: "*Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra*". (Salmos 104:29-30.).

O significado profundo e misterioso da palavra de comunhão proferida por Deus ao se dirigir aos seres humanos marca o início da revelação, sobretudo, de quem é Deus; ou seja, não se trata da exposição de uma doutrina ou da manifestação de um programa, mas da revelação do ser íntimo de Deus. No Credo Niceno-Constantinopolitano (381), a Igreja Cristã professou a crença num Deus que é Espírito e que se comunicou com os seres humanos quando falou pelos profetas e pelo Filho, Jesus Cristo, conforme atesta o texto bíblico da *Epístola aos Hebreus* (c. antes de 70 d.C.): "*Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo*". (Hebreus 1:1-2.).

Para a doutrina judaico-cristã, portanto, o verdadeiro autor das Sagradas Escrituras foi Deus, que se serviu de hagiógrafos – autores inspirados – para dispor os Seus conceitos e assuntos de maneira literária. Inicialmente os autores bíblicos inspirados escreveram em hebraico – depois também em aramaico e grego – e o trabalho de eternizar a fé, os costumes, as leis e a história dos judeus levou séculos. De acordo com Stephen M. Miller e Robert V. Huber:

No princípio, não havia a palavra escrita. Havia somente uma palavra falada, e, conforme registrado posteriormente no livro de *Gênesis*, Deus criou o universo falando palavra no vazio. Os primeiros adoradores de Deus não podiam escrever os pensamentos sobre Deus ou as suas experiências com ele, mas podiam falar a respeito dele e, isso, eles fizeram. Muito antes de terem inventado o seu próprio sistema linguístico, e mesmo depois de sua invenção, os hebreus contavam e recontavam suas histórias, muitas das quais foram posteriormente registradas na Bíblia.

Inicialmente, pais e mães, provavelmente, contavam aos seus filhos histórias sobre os seus próprios pais e avós. O próprio Abraão deve ter se engajado nessa transmissão de histórias. Quando foi chamado pelo Senhor para deixar Ur e mudar-se para Canaã, Abraão deve ter desejado preservar as memórias do seu passado e ter convencido a sua família e aos seus novos vizinhos de que o Senhor era o verdadeiro Deus e que os diversos deuses que eram adorados pelo povo ao redor deles eram ídolos sem vida. Abraão, provavelmente, tenha repetido histórias sobre como o Senhor criou o universo e salvou Noé e sua família do dilúvio. Ele deve ter falado a respeito do seu próprio chamado, repetindo a promessa de Deus de torná-lo o pai de uma grande nação. Mais adiante, seu filho e seu neto, Isaque e Jacó, devem ter continuado a tradição, adicionando as suas próprias histórias. Quando os seus descendentes foram forçados a se mudar, por causa da fome, para o Egito, onde, mais tarde, se tornariam escravos, eles tiveram ainda mais razões para se apegarem à sua fé, para permanecerem firmes e poderem sobreviver. (MILLER; HUBER, 2006, p. 12.)

Embora muito tenha sido contado verbalmente e passado adiante de geração através da *transmissão oral*, a preocupação dos hebreus com a preservação do registro exato das Palavras de Deus e o desenvolvimento de uma cultura política e sociorreligiosa assentada na *transmissão escrita* apareceram já nos primeiros livros bíblicos do Pentateuco (a Torá, para os judeus), que foram escritos, conforme determina a tradição judaico-cristã, por Moisés<sup>7</sup>. No Pentateuco, quando a narrativa histórico-bíblica avança do livro de *Gênesis* para o de *Êxodo* (c. 1450 – 1410 a.C.) fica bem perceptível o destaque da importância do registro e da transmissão escrita. No livro de *Êxodo* encontramos a primeira menção ao registro escrito quando Deus

<sup>7</sup> O Antigo Testamento começa pelo "Pentateuco" que, durante muito tempo, de acordo com a tradição judaico-cristã, tinha a sua autoria atribuída Moisés. Embora tal autoria seja contestada pelos estudiosos contemporâneos, ela não é mais entendida no sentido literal, pois o Pentateuco teria levado séculos para ser redigido, mas apenas no sentido puramente espiritual, isto é, segundo a orientação e ensinamento transmitidos por Moisés.

pediu que Moisés escrevesse um memorial após a vitória de Amalec: *“Então, disse o SENHOR a Moisés: ‘Escreve isto para memória num livro e repete-o a Josué; porque eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu’”* (Êxodo 17:14.). Trata-se de uma das poucas referências à escrita no Antigo Testamento, embora a prática começasse a se tornar comum a partir de então.

Certamente, contudo, os dois momentos mais significativos e representativos da “missão escriturária de Moisés” foram as cenas da estipulação da aliança no Monte Sinai e o recebimento dos Dez Mandamentos, escritos diretamente pelo dedo de Deus. Sobre a primeira cena, a passagem bíblica rememora da seguinte forma a aliança sináutica:

Disse também Deus a Moisés: “Sobe ao SENHOR, tu, e Arão e Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel e adorai de longe. Só Moisés se chegará ao SENHOR; os outros não se chegarão, nem o povo subirá com ele”.

Veio, pois Moisés e referiu ao povo todas as palavras do SENHOR e todos os estatutos; então, todo o povo respondeu a uma voz e disse: “Tudo o que falou o SENHOR faremos”. Moisés escreveu todas as palavras do SENHOR e, tendo-se levantado pela manhã de madrugada, erigiu um altar ao pé do monte e doze colunas, segundo as doze tribos de Israel. E enviou alguns jovens dos filhos de Israel, os quais ofereceram ao SENHOR holocaustos e sacrifícios pacíficos de novilhos. Moisés tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu sobre o altar. E tomou o livro da aliança e o leu ao povo; e eles disseram: “Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos”. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: “Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco a respeito de todas estas palavras”. (Êxodo 24:1-8.).

No caso da passagem acima devemos ter em mente que não se tratava apenas de *todas as palavras de Deus* proferidas naquele momento, mas principalmente a importância do evento excepcional de selar a aliança entre Deus e Israel, por intermédio de Moisés, onde o livro constituiu um elemento fundamental nos rituais de celebração. Destaca-se ainda a conformidade entre a comunicação oral e a comunicação escrita de Deus. Portanto, não existe discordância entre a palavra oral de Deus e aquela escrita e positivada em lei/mandamento, dando o reconhecimento do estatuto teológico do livro, enquanto afirmação da autoridade da Palavra de Deus como Sagrada Escritura.

No caso dos Dez Mandamentos de Deus recebidos por Moisés para o povo hebreu seguir<sup>8</sup>, os textos bíblicos ressaltaram a importância da transmissão da palavra divina escrita para o povo eleito: *“E, tendo acabado de falar com ele no Monte Sinai, [o SENHOR] deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus”* (Êxodo 31:18.). Posteriormente, o texto destacaria ainda que *“as tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas”* (Êxodo 32:16).

A autoridade dos escritos mosaicos foi salientada perante Josué e Israel, sendo todos os reis exortados a esse respeito, como testificou a seguinte passagem bíblica: *“Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e será bem-sucedido”* (Josué 1:8.). Da mesma forma, todos os reis de Israel também foram exortados a esse respeito:

Também quando se assentar ao trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro [...] E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir.... (Deuteronômio 17:18-19.).

Pela importância do Pentateuco entre os israelitas, é possível perceber que a interpretação bíblica dos Planos de Deus para a humanidade já havia começado através da leitura dos próprios textos bíblicos. O

<sup>8</sup> Os mandamentos deixados por Deus a Moisés no monte Sinai são uma regra de vida que nos conduz à santidade: 1º - Amar a Deus sobre todas as coisas; 2º - Não tomar seu santo nome em vão; 3º - Guardar domingos e festas; 4º - Honrar pai e mãe; 5º - Não matar; 6º - Não pecar contra castidade; 7º - Não furtar; 8º - Não levantar falso testemunho; 9º - Não desejar a mulher do próximo; 10º - Não cobiçar as coisas alheias. Cf. *Bíblia Sagrada*, Êxodo 20:1-17 e Deuteronômio 5:1-21.

estímulo à transmissão escrita da Palavra de Deus aumentou a partir do período monárquico do Reino de Israel, em especial durante o reinado do rei Davi.

É possível que, em se tratando da Bíblia, a contribuição mais importante de Davi não tenha sido a composição dos Salmos atribuídos a ele, tampouco o fato de ser ele protagonista de histórias emocionantes, como é o caso da famosa luta contra o gigante Golias. Sua maior contribuição talvez tenha sido o fato de ter dado início ao processo de escrever a Bíblia, que acabaria levando mil anos. Ele fez isso ao pedir que se escrevesse a história da nação emergente que ele governava.

Aproximadamente em 1000 a.C., o rei Davi definiu as fronteiras de Israel. Feito isso, ele, provavelmente, passou a se empenhar em preservar o lugar da sua nação na história. Ele deve ter visualizado um longo futuro para Israel, porque Deus tinha dito a respeito de Davi: “Eu farei com que seus descendentes governem para sempre” (2Samuel 7.13). Entre os oficiais que Davi nomeou havia dois escritores: “Josafá, filho de Ailude, era o cronista, Seva, o escrivão” (2Samuel 20.24-25). [...]

É provável que Davi e o seu filho e sucessor, Salomão, também tenham reunido um grupo de escribas para escrever e preservar as histórias e leis bem conhecidas pelo povo. Possivelmente, os escribas que trabalhavam com o cronista real e com o escrivão faziam parte desse grupo de estudiosos. (MILLER; HUBER, 2006, pp. 22-23.)

Indubitavelmente, a ascensão de Davi, e depois de Salomão, ao trono de Israel trouxe consigo condições favoráveis ao desabrochar de uma grande atividade literária. No século VIII a.C., a chegada dos profetas maiores viria dar um novo impulso a esta tarefa de composição redacional. No início, aparece, sobretudo, a iniciativa absolutamente gratuita de Deus que se faz presente ao profeta. A expressão exemplar dessa iniciativa divina foi representada pelo Profeta Jeremias, conforme demonstrou a seguinte passagem bíblica:

A mim me veio, pois a palavra do SENHOR, dizendo: “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações”. Então, Ihe disse eu: “Ah! SENHOR Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança”. Mas o SENHOR me disse: “Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar”, diz o SENHOR. Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca e o SENHOR me disse: “eis que ponho na tua boca as minhas palavras. Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares”. (Jeremias 1:4-10.)

As palavras dos profetas eram recolhidas, consignadas por escrito e conservadas pelos seus discípulos, que se reuniam em escolas proféticas. (ROGERSON, 1996, p. 17.) A queda de Jerusalém e o exílio na Babilônia, de 587/597 a.C. a 538 a.C. (o Templo foi destruído em 586 a.C.), trouxeram consigo uma crise de consciência: Israel não podia deixar de interrogar-se sobre as causas do desastre. Foi nesta época que os judeus se tornaram verdadeiramente o “Povo do Livro”. Foi provavelmente nesta mesma época que os livros dos primeiros profetas (isto é, a história de Israel desde a conquista de Canaã até ao exílio), tal como o Pentateuco, foram redigidos sob uma forma próxima da que lhes conhecemos atualmente. Os livros proféticos (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze “profetas menores”) estavam, também eles, praticamente terminados nos fins do século VI a.C. Quanto aos livros sapienciais, se considerarmos que eles incluem elementos muito antigos, tais como um certo número de salmos e provérbios, nem por isso deixam de conter também os textos mais recentes do Antigo Testamento. É, nomeadamente, o caso das *Crônicas*, de *Ester* e de *Daniel*. O mesmo se passa com os poemas de amor reunidos sob o título de *Cântico dos Cânticos* e com as meditações sobre a luta interior do homem presa da dúvida e da incerteza, que constituem o essencial de *Jó* e do *Eclesiastes*.

Uma primeira referência explícita sobre o cânon bíblico é realizada pelo historiador judeu Flávio Josefo (37 - 107 d.C.), em sua obra *Antiguidades dos Judeus Contra Ápion*, ao mencionar um cânon veterotestamentário de 22 livros:

Não existem entre nós milhares de livros, contraditórios e opostos entre si. Há somente vinte e dois livros<sup>9</sup> que contêm a história do passado e com justeza são tidos por divinos.

Destes, cinco são de Moisés e abrangem as leis e a tradição sobre a criação do homem até a morte do autor. Compreendem pouco menos de três mil anos.

Da morte de Moisés até a de Artaxerxes, rei dos persas, sucessor de Xerxes, os profetas posteriores a Moisés registraram os eventos de sua época em treze livros<sup>10</sup>. Os quatro livros restantes<sup>11</sup> encerram hinos a Deus e normas de vida para os homens.

De Artaxerxes até o presente, tudo foi registrado, mas esses livros não foram tidos por fidedignos como os anteriores, porque a sucessão dos profetas é inexata.

Os fatos manifestam nossa atitude diante de nossas próprias Escrituras, pois embora sejam de data remota, ninguém ousou aditar, retirar ou alterar seja o que for, mas todos os judeus, desde a primeira infância, acham natural considerá-los como ensinamentos de Deus e, continuamente, a eles aderir e, se necessário, por eles de bom grado morrer. (JOSEFO, 1:38-42. Apud. CESAREIA, 2000, Livro III, cap.10:1-5.).

No caso da transmissão e da composição dos textos bíblicos do Novo Testamento, a natureza do progresso da Revelação dos Planos de Deus para a Humanidade se apresentou, em especial, a partir da ênfase que o ministério de Jesus Cristo deu à consumação das mais de trezentas promessas e profecias das Sagradas Escrituras que falavam do Messias no Antigo Testamento. Jesus sabia e tornou conhecido o fato que tais profecias messiânicas anunciavam a sua pessoa, as suas ações e os seus ensinamentos.

O *Evangelho Segundo João* (c. 85-90 d.C.) inicia-se apresentando Cristo como o Verbo divino que veio do céu e se tornou carne para concretizar tudo o que as Escrituras haviam profetizado, já que Jesus ensinaria que a salvação está exclusivamente nele:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. (Evangelho Segundo João 1:1-5.).

Assim como o livro de *Gênesis* teve início com o poder da palavra divina, João começou o seu Evangelho enfatizando a preexistência eterna e divina do Verbo, afirmando que Jesus Cristo estava presente não apenas no Novo Testamento, mas desde os primórdios relatados no livro de *Gênesis*. Ele era a própria palavra encarnada para trazer a luz e vencer as trevas. Afinal, ao dizer que “a vida estava nele”, temos outra evidência da deidade, já que o Filho, como o Pai, tem “vida em si mesmo” e foi responsável pelo triunfo da criação.

No *Evangelho Segundo Lucas* (c. 60 - 63 d.C.) é relatado que Jesus Cristo, após triunfar sobre a tentação do diabo no deserto, dá início ao seu ministério a partir de um significativo episódio que simbolizaria a sua vinda como o cumprimento das profecias das Sagradas Escrituras. De acordo com o relato do evangelista:

Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:

*O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.*

Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”. Todos lhe davam testemunho e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: “Não é este o filho de José?” Disse-lhes Jesus: “Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, fazendo-o também aqui na tua terra”. E prosseguiu: “De fato, vos afirmo que nenhum profeta é bem-recebido na sua própria terra. Em verdade vos digo: muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra; e a nenhuma dela foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidom. Havia também muitos leprosos em

<sup>9</sup> Para obter este número igual ao das letras do alfabeto hebraico, Flávio Josefo incluiu Rute, em Juízes, e Lamentações, em Jeremias.

<sup>10</sup> Os treze livros proféticos, segundo Flávio Josefo são: Josué, Juízes-Rute, 1-2 Samuel, 1-2 Reis, Isaías, Jeremias-Lamentações, Ezequiel 12 profetas, Jó, Daniel, 1-2 Crônicas, Ester, Esdras-Neemias.

<sup>11</sup> Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares.

Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro". Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cimo do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo. Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se. (Evangelho Segundo Lucas 4:16-30.).

O evangelista Mateus se propôs em seu Evangelho, conforme pode ser observado na leitura da passagem selecionada, demonstrar que Jesus Cristo era o Messias, baseando-se nas profecias do Antigo Testamento. Cabe destacar também que o *Evangelho Segundo Mateus* parece ter sido estruturado a partir da exposição dos ensinamentos de Jesus Cristo, apresentados em cinco sermões principais: ética, discipulado e missão, o reino do céu, a igreja e a escatologia. Tal estrutura deve ter sido padronizada de acordo com o Pentateuco de Moisés de modo a apresentar Jesus como o "profeta" (Deuteronômio 18:18) que era ainda maior do que Moisés. Por sua vez, é importante mencionar também que para os fariseus, que se recusavam a crer nele, Jesus dizia: *"Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim"* (Jo 5:39). Ou ainda, *"Por que, pois, está escrito que o Filho do homem deve sofrer muito e ser rejeitado?"* (Mc 9:12); *"E se cumprirá no Filho do homem tudo o que os profetas escreveram"* (Lc 18.31), o que, segundo Geisler e Nix, *"dão apoio à tese segundo a qual os escritos do Antigo Testamento como um todo eram considerados inspirados por Deus. Prediziam tudo a respeito de Cristo e era inevitável que se cumprissem"*. (GEISLER; NIX, 2006, p. 33.)

Recordemos ainda a preocupação dos quatro evangelistas e demais autores dos textos bíblicos do Novo Testamento em documentar as palavras e as ações de Jesus de Cristo, procurando dar sinais que comprovassem que Ele era o Messias que estava cumprindo os Planos de Deus para a humanidade.

No *Evangelho Segundo Lucas* (c. 60 - 63 d.C.), após a ressurreição de Cristo e o seu aparecimento aos discípulos, Jesus explicou as Escrituras e apontou, na única alusão no Novo Testamento a uma possível divisão do Antigo Testamento em três partes, que a sua missão na Terra simbolizou a concretização dos Planos de Deus para a humanidade:

E, [Jesus Cristo] começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. [...] São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras e lhes disse: *"Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder"*. (Evangelho Segundo Lucas 24:27 e 44-49.).

No *Evangelho Segundo João* (c. 85-90 d.C.), o autor procurou especificar o objetivo do Evangelho dizendo: *"Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome"* (Evangelho Segundo João 20:30-31). E ao se apresentar como testemunha do relato, conclui o Evangelho ressaltando que: *"Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma a uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos"*. (Evangelho Segundo João 21:24-25).

Fica nítida na passagem acima como a cultura judaica do Antigo Testamento esteve também presente e influenciou a redação dos textos bíblicos do Novo Testamento, recuperando a ênfase em registrar tudo o que foi dito e realizado, procurando eternizar para as gerações futuras a história de Jesus Cristo.

Nesse aspecto, a imagem de Jesus Cristo como o messias responsável pela concretização do Plano de Deus para a humanidade serviu de inspiração para os discípulos de Cristo assumirem a missão de erguer e assentar as bases da igreja cristã. Assim como os profetas do Antigo Testamento, os apóstolos do Novo Testamento assumiram também a missão de trazer a revelação dos Planos de Deus, sempre valorizando a

importância das Sagradas Escrituras e a necessidade de ensiná-la ao próximo. Afinal, “[...] nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (Segunda Epístola de Pedro 1:20-21.).

No livro *Atos dos Apóstolos* (c.60 - 64 d.C.), as testemunhas de Cristo foram capacitadas pelo Espírito Santo para que pudessem levar as boas-novas de Cristo para todas as pessoas e estabelecessem igrejas e evangelizassem as pessoas para que a missão pudesse ter continuidade. Tal missão de evangelização foi bem exemplificada na passagem que relatava o encontro de Filipe com o eunuco, onde encontramos a importância das Sagradas Escrituras e da hermenêutica bíblica, assim como é visível, de acordo com o texto bíblico, o fato de que o Antigo Testamento havia prenunciado a vinda de Cristo para a efetivação do Planos de Deus para a humanidade:

Um anjo do Senhor falou a Felipe, dizendo: “Dispõe-te e vai para o lado do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto”. Ele se levantou e foi. Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém, estava de volta e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías. Então, disse o Espírito a Filipe: “Aproxima-te desse carro e acompanha-o”. Correndo Filipe, ouvi-o ler o profeta Isaías e perguntou: “Compreendes o que vens lendo?” Ele respondeu: “Como poderei entender, se alguém, não me explicar?” E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele. Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta:

“Foi levado como ovelha ao matador; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abriu a boca.

Na sua humilhação, lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada”.

Então, o eunuco disse a Filipe: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?” Então, Filipe explicou; e começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus. Seguindo eles, caminho afora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: “Eis aqui água; que impede que seja eu batizado?” Filipe respondeu: “É lícito, se crês de todo coração”. E, respondendo ele, disse: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”. Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco. Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo. Mas Filipe veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesareia. (*Atos dos Apóstolos* 8:26-40.).

Tendo-se em mente que a palavra divina – seja a transmitida oralmente ou escrita – pode se referir a um acontecimento passado ou futuro, assim como ser uma qualificação divina de um evento histórico, como foi o caso, por exemplo, de Deus afirmar para Moisés que a iminente libertação do povo hebreu do Egito fazia parte de uma obra da História da Salvação (Êxodo 3:7-8), consideramos que um dos principais aspectos da transmissão e composição dos livros que integram a Bíblia Sagrada era que todos eles traziam, de alguma forma, uma mensagem de esperança. Nesse aspecto, recordamos a afirmação do apóstolo Paulo em sua *Epístola aos Romanos* (c. 54 - 57 d.C.): “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”. (*Epístola de Paulo aos Romanos* 15:4).

Movidos pela esperança e fé em Cristo, a partir do ano 50 d.C., as Igrejas começaram a conservar as cartas que recebiam dos seus líderes espirituais e, muito particularmente, as de Paulo de Tarso. Essas cartas foram seguidamente reunidas numa compilação que veio a juntar-se aos *Evangelhos* e aos *Atos dos Apóstolos*, cuja redação, diretamente inspirada a partir de elementos escritos e orais, remontava a um período compreendido entre 70 e 90 d.C. A composição do Novo Testamento, tal como o conhecemos atualmente, estava praticamente terminada no final do século I d.C. (ROGERSON, 1996, p.18.)

O cenário da Reforma Protestante colocou, contudo, novamente em discussão o cânon das Sagradas Escrituras. Se, até então, o assunto havia sido tratado basicamente em concílios regionais e/ou definido não de forma solene, mas como uma espécie profissão de fé (conforme apontado no “Decreto para os Jacobitas”, do Concílio de Florença, de 1411), foi somente com o Concílio de Trento, ocorrido entre os anos de 1545 a

1563, em resposta à opção do cânon hebraico por parte de Martinho Lutero, que a Igreja Católica, através do “Decreto Sobre as Sagradas Escrituras” (1546), definiu solenemente *semel pro semper* o cânon longo:

São reconhecidos os livros sagrados e as tradições apostólicas... Para evitar dúvidas sobre os livros reconhecidos por este Concílio, ele julgou oportuno acrescentar ao presente decreto o elenco dos livros sagrados, para que ninguém possa duvidar quais sejam os que são reconhecidos como sagrados pelo mesmo Concílio.

Eles são os seguintes: do Antigo Testamento, os cinco de Moisés, os quatro dos Reis, os dois dos Paralipômenos; o primeiro de Esdras e o segundo, dito de Neemias; Tobias, Judite, Ester, Jó; o Salitério de Davi de 150 salmos; Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria; Eclesiástico; Isaías; Jeremias com Baruc, Ezequiel, Daniel; os doze profetas menores, ou seja: Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias; o primeiro e o segundo dos Macabeus.

Do Novo Testamento: os quatro Evangelhos: segundo Mateus, Marcos, Lucas e João; os Atos dos Apóstolos, escritos pelo evangelista Lucas; catorze cartas do Apóstolo Paulo: aos Romanos, duas aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses, duas aos Tessalonicenses, duas a Timóteo, a Tito, a Filemon, aos Hebreus; duas do Apóstolo Pedro, três do Apóstolo João, uma do Apóstolo Tiago, uma do Apóstolo Judas e o Apocalipse do Apóstolo João.

Se, porém, alguém não receber como sagrados e canônicos esses livros em sua integridade, com todas as suas partes, tal como costumavam ser lidos na Igreja Católica e estão contidos na antiga edição latina da Vulgata, e desprezar, ciente e propositalmente, as tradições antes mencionadas: seja anátema. (Apud. PRIOTTO, 2019, pp. 42-43 e GONZAGA, 2019, pp. 315-317.)

### 3. A COSMOVISÃO CRISTÃ DO TEODRAMA DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO: CRIAÇÃO, QUEDA, REDENÇÃO E CONSUMAÇÃO NA HISTÓRIA BÍBLICA

O cristianismo é uma religião de historiador. Outros sistemas religiosos fundaram suas crenças e seus ritos sobre uma mitologia praticamente exterior ao tempo humano; como Livros Sagrados, os cristãos têm livros de história, e suas liturgias comemoram, com os episódios da vida terrestre de um Deus, os faustos da Igreja e dos santos. Histórico, o cristianismo o é ainda de outra maneira, talvez mais profunda: colocado entre a Queda e o Juízo, o destino da humanidade afigura-se, a seus olhos, uma longa aventura, da qual cada vida individual, cada “peregrinação” particular, apresenta, por sua vez, o reflexo; é nessa duração, portanto dentro da história, que se desenrola, o eixo central de toda meditação cristã, o grande drama do Pecado e da Redenção.

BLOCH, M. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador* [1949]. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 42.

No livro *Cosmovisão: A História de um Conceito*, David K. Naugle afirma que “a concepção do cristianismo como uma cosmovisão tem sido um dos desenvolvimentos mais significativos na história da igreja recente”. (NAUGLE, 2017, p. 29.) Afinal, segundo o autor, o cristianismo pode ser compreendido teologicamente tanto como “um sistema teísta que exhibe a coerência racional da revelação bíblica”, quanto pela sua grande narrativa teodramática da História da Salvação, ancorada nos atos de criação, queda, redenção e consumação, que sensibiliza os corações e mobiliza as mentes dos cristãos.

Tal afirmação parece ecoar a visão interpretativa do médico neurologista e psiquiatra austríaco, criador da psicanálise, Sigmund Freud (1856 - 1939), que definiu conceitualmente *Cosmovisão* (*Weltanschauung*) nos seguintes termos:

[...] Em minha opinião *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma *Weltanschauung* desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos. Acreditando-se nela, pode-se sentir segurança na vida, pode-se saber o que se procura alcançar e como se pode lidar com as emoções e interesses próprios da maneira mais apropriada. (FREUD, 1996 [1932], p. 155.)

Em termos religiosos, portanto, a *Cosmovisão* é de fundamental importância para “oferecer a igreja uma nova perspectiva sobre a natureza holística, as dimensões cósmicas e as aplicações universais da fé”. (NAUGLE, 2017, p. 29.)

Tendo-se em vista a importância da cosmovisão cristã na consolidação da perspectiva interpretativa da Teologia Teodramática sobre a História da Salvação, Daniel P. Fuller, no livro *A Unidade da Bíblia: O Desenvolvimento do Plano de Deus para a Humanidade*, procura apontar as evidências da unidade orgânica das Sagradas Escrituras, tendo como ponto de partida de sua análise o fato da Bíblia Sagrada proceder de acordo com o plano divino para a humanidade: “Começando com a criação do mundo, ela relata e interpreta uma série de eventos históricos que conduzem a um grande clímax e ao objetivo da história do mundo”. (FULLER, 2014, p.23.) Portanto, para o autor, o tema básico do Plano de Deus para a humanidade dá coerência aos ensinamentos bíblicos e é capaz de integrar a Sagradas Escrituras de forma que as pessoas possam obter dela um melhor sentido como um todo.

Em *Para ler a Bíblia como literatura*, Leland Ryken faz uma constatação interessante acerca do funcionamento da estrutura narrativa histórico-literária desenvolvida tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, ao perceber que a criação de uma unidade temático-narrativa guia a forma como os cristãos devem ler, estudar e interpretar as Escrituras. Diz Ryken:

O elemento mais óbvio de unidade literária da Bíblia é que ela conta uma história, uma série de acontecimentos que têm início, meio e fim. Até mesmo sua forma externa é impressionante: começando com a criação de todas as coisas, a descrição da Queda, rapidamente toma a dianteira da ação e nos leva à história caída, porém, a narrativa, vagarosa e dolorosamente, percorre seu caminho até a consumação dos tempos, com a derrota eterna do mal e o triunfo do bem.

A narrativa bíblica tem um conflito, um enredo unificador: a grande batalha espiritual e moral entre o bem e o mal. Uma série de detalhes compõem esse conflito: Deus e Satanás, Deus e suas criaturas rebeldes, pessoas boas e más, impulsos interiores humanos que os levam à obediência a Deus ou à desobediência. Quase toda narrativa, poema ou provérbio na Bíblia contribui para essa trama em forma de conflito entre o bem e o mal. Cada ato e ação mental mostra criaturas de Deus engajadas em algum movimento, por mais momentâneo que seja, em direção a ele ou distanciando-se dele.

A presença de um grande conflito espiritual torna necessária a escolha por parte das personagens bíblicas. Não há território neutro: cada acontecimento humano demonstra a lealdade ou rebelião contra Deus. A Bíblia se concentra no indivíduo em uma encruzilhada; a vida é séria para os participantes deste drama de escolhas da alma. Vista como narrativa, a Bíblia é uma série de dilemas e escolhas morais e espirituais, ressaltando a perspectiva de que as pessoas são moralmente responsáveis. (RYKEN, 2017, pp.163-164.)

A partir disso, podemos perceber, então, como toda a Bíblia apresenta uma história que, apesar de possuir inúmeras passagens intercaladas, escrita através de variados gêneros literários e de distintos autores, apresenta um padrão integrador e coerente, com começo, meio e fim, que se desenvolve através de uma trama unificadora e centrada no fio condutor narrativo do eterno conflito entre o bem e o mal, sinalizado através das escolhas e ações humanas individuais e de suas relações com o protagonista central – Deus –, cuja presença é constante em toda a história e se manifesta, de forma distinta, através dos atributos da “Divina Trindade”, seja como o Pai, o Filho ou o Espírito Santo. Assim, Deus é o grande responsável por unificar a narrativa da história universal, o “drama das Escrituras”, com sua miríade de personagens humanos mutáveis. Aspecto esse que levou Ryken a destacar:

É óbvio, portanto, que o elemento progressivo fundamental na narrativa bíblica como um todo é o desdobramento dos propósitos de Deus no decorrer da história. Estudiosos bíblicos nos ensinam a chamá-la de “história da salvação” – o grande propósito de Deus de salvar pessoas do pecado e de suas consequências eternas. O relato bíblico é o registro das ações de Deus na história, na natureza, na vida das pessoas. Porque são os propósitos de Deus que compõem a ação central, a narrativa primordial da Bíblia pode ser chamada de história da raça humana dentro do plano providencial das ações redentoras de Deus contra o mal, julgando-o no universo. (RYKEN, 2017, p. 165.)

No *Novo Dicionário de Teologia*, o verbete “Salvação”, de autoria de I. H. Marshall, discorre sobre a relevância de significados bíblicos da noção de salvação:

É o termo mais amplamente usado na teologia cristã para expressar a provisão de Deus para nossa condição humana. O grupo de palavras associadas ao verbo “salvar” tem um uso secular extenso que não é muito diferente de seu uso teológico. Pode ser empregado a respeito de qualquer espécie de situação em que uma pessoa seja liberta de algum perigo, real ou potencial, como, por exemplo, na cura de uma pessoa (Mc 5.28), no livramento dos inimigos (Sl 44.7) ou

diante da possibilidade de morte (Mt 8.25). O substantivo “salvação” pode também se referir, positivamente, a um estado resultante de bem-estar, não estando restrito à ideia de escape de perigo. No AT, o verbo “salvar” expressa particularmente as ações de Deus na libertação de seu povo. No contexto de salvar Israel de seus inimigos, o substantivo pode ser traduzido por “libertação” (SI 3.8); mas é também usado, em um sentido muito amplo, como da soma total dos efeitos da bondade de Deus sobre seu povo (SI 53.6). Assim, o entendimento que o AT tem da salvação é totalmente concreto e frequentemente cobre mais do que bênçãos espirituais.

Nos Evangelhos, esse grupo de palavras é empregado quanto às obras poderosas de Jesus na cura das pessoas de suas enfermidades. Mas a terminologia desenvolveu um sentido distinto, fundado basicamente no entendimento do AT a respeito de Deus e de sua ação graciosa e poderosa para com o seu povo. Ao tempo dos escritos mais recentes do NT, era comum dar tanto a Deus Pai como a Jesus o título de “salvador” (1Tm 1.1; 2Tm 1.1), e não seria errôneo dizer que esse título sumariza a doutrina cristã de Deus em relação a seu povo. O nome “Jesus”, aliás, significa, etimologicamente, “Javé é salvação”, significado esse que deve ter sido conhecido dos primeiros cristãos judeus (Mt 1.21). A salvação, porém, passou a ser entendida em um sentido novo. O sentido de resgate ou libertação é ainda superior, mas a nova referência era a da libertação do pecado e da ira de Deus, como o destino supremo que aguardava o pecador (Rm 5.9-10). Os cristãos são aquelas pessoas que têm a certeza de que serão salvas. Afirma-se algumas vezes que esse conceito de uma salvação futura é primacial do NT (At 2.21; Rm 13.11; 1Co 5.5; Hb 9.28; 1Pe 1.15). Contudo, os cristãos são descritos como “aqueles que estão sendo salvos” (At 2.47; 1Co 1.18; 2Co 2.15) e, mesmo, como “aqueles que têm sido (ou já foram) salvos” (Ef 2.5,8). O momento da conversão, enfim, é considerado como o próprio momento da salvação (Tt 3.5). (MARSHALL, 2009b, p. 890.)

A definição da noção bíblica de “Salvação” é de importância fundamental para a compreensão e discussão do teodrama da “História da Salvação”, responsável pela unidade da Bíblia Sagrada. O professor I. H. Marshall, autor também do verbete “História da Salvação”, do *Novo Dicionário de Teologia*, apresenta a definição conceitual: “*História da Salvação*” (em alemão, *Heilsgeschichte*) é uma expressão que se refere a uma série de acontecimentos históricos interpretados pela fé cristã como atos específicos de Deus para salvar o seu povo”. (MARSHALL, 2009a, p. 511.). Tal perspectiva, assentada em trabalhos percursoros de J.C.K von Hofmann e Adolf Schlatter, ganhou maior destaque após a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), a partir dos trabalhos do teólogo Oscar Cullmann, em especial *Christ and Time* (1946) e *Salvation in History* (1967).

[...] Cullmann insiste em que a estrutura do pensamento bíblico seja histórica, e que a revelação acontece por meio de uma série de ocorrências nas quais Deus se mostra ativo. Para o crente, o que importa é o que realmente aconteceu. Para sermos mais exatos, Cullmann argumenta que o reconhecimento dos acontecimentos como história da salvação é uma questão de fé, e não de comprovação histórica, mas isso não afeta o fato de Deus ser visto, então, como participante ativo no mundo, nos eventos históricos da encarnação, da morte sacrificial, da ressurreição e da *parousia* de seu Filho. As narrativas bíblicas nos falam, enfim, de um tipo de eventos em que Deus é atuante, estendendo-se desde a criação até a consumação, com a vinda de Cristo como o ponto central do tempo, o pivô da história humana. Embora os seguidores de Bultmann continuem a negar que a história da salvação seja uma categoria usada pelos escritores bíblicos [...], não se pode duvidar que seja a estrutura correta para a interpretação da Bíblia. Essa abordagem têm sido considerada como particularmente adequada por eruditos evangélicos, que têm visto nela uma alternativa viável para o existencialismo bultmanniano, ou seja, sua abordagem demitizante, que pretende negar a história. (MARSHALL, 2009a, p. 511.).

George Eldon Ladd rebate as críticas que acusam a perspectiva interpretativa da “História da Salvação” de ser “não-histórica”:

Algumas vezes, o evento de revelação assume um caráter que o historiador secular moderno chama de não-histórico. O Deus que revela a si mesmo na história redentora é o Senhor da criação e o Senhor da história, e, conseqüentemente, é capaz não apenas de moldar o curso dos eventos históricos comuns, mas de agir diretamente, de maneiras que transcendem a experiência histórica usual. A mais vívida ilustração desse fato é a ressurreição de Cristo. Do ponto de vista da crítica histórica científica, a ressurreição não pode ser “histórica”, pois trata-se de um evento que não foi causado por qualquer outro evento histórico e, portanto, não tem analogia. Deus, e somente Deus, é a causa da ressurreição. [...] A ressurreição de Cristo não é a restauração de um indivíduo morto à vida, mas o surgimento de um novo tipo de vida – a vida da ressurreição. [...] Isto significa simplesmente que tais eventos de revelação não são produzidos pela história, mas que o Senhor da história, que está acima da história, age dentro da história, para a redenção das criaturas históricas. [...] Isso não significa que devemos abandonar o método histórico no estudo da Bíblia. Significa somente que em certos pontos o caráter dos atos de Deus é tal que transcende o método histórico, e que o historiador na qualidade de historiador não pode dizer nada sobre os mesmos.

(LADD, 2003, pp. 42-43.)

Nesse ponto, a análise empreendida pelo teólogo Oscar Cullmann conseguiu mediar o conflito entre a perspectiva histórica e a perspectiva teológica através do estudo da História da Salvação. Em seu livro, o teólogo faz as seguintes considerações para demonstrar como a História da Salvação serve como um caminho de diálogo entre a História e a Teologia, apesar de suas substanciais diferenças. Diz Cullmann:

Eu insisto, pois, o quanto posso, sobre a diferença entre a história sagrada e a história profana. [...] Se a história da salvação é o oposto da história geral, é preciso, assim mesmo, ver a analogia que existe entre as duas. De fato, não há identidade, mas analogia [...] Todavia, desde já, indicaremos três pontos essenciais onde se manifesta essa analogia: 1 – A semelhança da história geral, a história da salvação é composta de eventos que se encaixam uns nos outros; essa semelhança permanece, mesmo que o princípio segundo o qual estes eventos se articulam não dependa de critérios históricos. 2 – A história da salvação se aproxima da história geral pelo fato de que o plano divino deixa uma margem para a contingência histórica; o ser humano pode resistir, e seu pecado acarreta “desvios” misteriosos; salvífica, esta história conhece, pois, também horas em que ela é funesta. 3 – A história da salvação e a história geral não são só paralelas, elas se tocam, porque os eventos singulares que formam o encadeamento salvífico fazem parte da história; no Novo Testamento, é o caso, em particular, do evento que é o centro e a norma de todo o desdobramento: a morte de Cristo sobre a cruz. Assim, a história da salvação se compõe de eventos históricos. Estes eventos se sucedem e se encadeiam em uma ordem que, por não ser aquela da história, não é menos determinada. Temos aí dois aspectos maiores daquilo que chamamos “história da salvação”; dois traços pelos quais ela muito se aparenta à história. (CULLMANN, 2020, pp.136-137.)

Tal reflexão auxilia na compreensão da “História da Salvação” em termos de unidade literária bíblica. Segundo Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen, em *O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica*, a tradição ocidental de narrativa dramática se baseia no método de estrutura de “cinco atos distintos” desenvolvida pelo dramaturgo romano Terêncio em seus espetáculos teatrais, realizados no século II d.C., método do qual eles aprimoraram, apresentando-o renovado da seguinte forma:

O ato 1 [...] fornece informação essencial sobre Deus, sobre a humanidade e a respeito do mundo. Descreve uma situação estável, uma criação muito boa. Os atores humanos iniciam o seu trabalho no jardim e a história começa. No ato 2, o conflito é introduzido ao depararmos com o inimigo misterioso do plano de Deus. Aqui o problema fundamental em nosso mundo tem sua origem. No ato 3, o conflito (entre o pecado humano e os bons propósitos de Deus para a criação) se intensifica e complicações aparecem. O ato 4 é a narrativa de como a história das condutas graciosas de Deus com suas criaturas rebeldes chega a um clímax na morte e na ressurreição de Jesus Cristo. No ato 5, vemos as implicações do grande ato de redenção de Cristo terem efeito nas vidas de sua comunidade.

E é aqui que, [...] nos afastamos da tradição de cinco atos (e do modelo de Wright). Está claro que a história bíblica não *termina* simplesmente na conclusão do quinto ato. O desdobramento do ato 5 também não é caracterizado por uma resolução fácil. Embora a resolução tenha ocorrido em Cristo, o conflito continua e na verdade se intensifica. O propósito de Deus é nada menos que reconciliar toda a criação consigo, um propósito realizado de uma vez por todas na morte e na ressurreição de seu Filho cerca de dois mil anos atrás. Temos a própria promessa tremenda de Deus de que o seu grande propósito para sua criação é contínuo e *ainda não terminou* em nosso mundo. Há muito mais por vir na história de Deus. Ele preparou mais um ato, que ainda será revelado, um ato diferente de qualquer coisa que vimos ou imaginamos até aqui e sobre o qual a cortina da história *nunca* se fechará. Assim, incluímos esse ato 6 em nossa narrativa da história bíblica. (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, pp. 32-33.)

Para o desenvolvimento teodramático da História da Salvação, Bartholomew e Goheen tomaram como  *fio condutor da narrativa bíblica* (entendido aqui como o aspecto que visa “fornecer um senso de direção”) a *Aliança* (do Antigo Testamento) e o *Reino de Deus* (do Novo Testamento), pois estes “*apresentam uma forte reivindicação de ser a porta principal pela qual podemos começar a entrar na Bíblia e a enxergá-la como uma grande e ampla estrutura*”. No Antigo Testamento, Deus estabelece uma aliança com Noé, Abraão, Israel e o rei Davi; em Jeremias, Deus fala sobre uma nova aliança que fará no futuro. Nos Evangelhos, está claro que o tema principal no amplo ministério de ensino de Jesus é o reino de Deus. (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, p. 30.)

Segundo os autores, o Reino de Deus é entendido como o governo de Deus sobre o seu povo escolhido e, por fim, sobre toda a criação; já a aliança é pensada em termos do relacionamento especial que Deus estabelece com seu povo à medida que concretiza os seus planos divinos na História, da mesma forma que ela demanda que levemos a sério os propósitos de Deus para com toda a criação. “Assim, aliança e reino são como dois lados da mesma moeda, evocando a mesma realidade de modos ligeiramente diferentes”. (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, p. 30.)

Nesse aspecto, por sua vez, é mais completa a proposta de análise desenvolvida por Gerard Van Groningen, apresentada na sua trilogia *Criação e Consumo: O Reino, a Aliança e o Mediador* (2000), onde leciona:

Tenho desenvolvido o conceito do “cordão dourado”. Os três fios desse cordão dourado são o reino, o pacto e o mediador. O reino, estabelecido na criação, é o cenário; a aliança é o meio administrativo; e o mediador é (são) o agente da aliança servindo aos propósitos do reino. (VAN GRONINGEN, 2017, p. 13.)

A estrutura do “drama das Escrituras” através do desenvolvimento do fio condutor narrativo bíblico orientado pelo *Reino de Deus*, pela *Aliança de Deus* com a humanidade e pela vinda do *Messias-Mediador*, possibilita-nos identificar os seguintes atos principais no drama bíblico: (1) Criação, (2) Queda no pecado, (3) a história de Israel, (4) a história de Jesus Cristo, (5) a história da Igreja, conduzindo para (6) a consumação do plano divino de redenção, um ato que ainda não está terminado e que depende dos cristãos contemporâneos para desempenharem o papel prescrito por Deus para que a história avance ao desfecho que o plano divino preparou para ela. (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, p. 239.)

A dinâmica da “Grande Narrativa Teodramática da História da Salvação”, segundo J. Daniel Hays e J. Scott Duvall, pode ser esboçada nas seguintes fases:

**Criação** – A história começa com a criação do Universo e dos seres humanos.

**Crise** – Quando tentados por Satanás, os seres humanos decidiram satisfazer a si mesmos e se rebelaram (ou pecaram) contra Deus. Eles o fazem repetidamente. O pecado traz consequências desastrosas e mortais: dor, sofrimento, morte e separação de Deus.

**Contrato (Aliança)** – Deus começa a resolver o problema do pecado escolhendo Abraão e estabelecendo com ele uma aliança para que se torne o pai do povo que adorará a Deus. Deus quer tornar Abraão uma grande nação e dar-lhe uma terra junto com muitos descendentes e muitas bênçãos. Então, Deus deseja abençoar todas as nações do mundo por meio de Abraão, e usar essa única nação para levar o restante do mundo a se relacionar com ele.

**Chamado** – Gênesis conta a história dos patriarcas: Abraão, Isaque, Jacó (Israel), José. Por causa de uma série de acontecimentos, eles vão ao Egito e ali esse pequeno grupo se torna uma nação mais tarde escravizada. Deus usa Moisés para libertar seu povo da escravidão mediante a ocorrência do Êxodo. A libertação miraculosa do povo da escravidão no Egito torna-se um modelo que antecipa a libertação final da escravidão espiritual do povo de Deus.

**Comandos (Mandamentos)** – Depois de resgatar seu povo, Deus estabelece uma aliança com ele (a aliança mosaica). Ele lhes entrega a Lei (resumida nos Dez Mandamentos) e conclama o povo à santidade. A expectativa de Deus para o povo da aliança é explicitada no livro de Deuteronômio.

**Conquista** – Deus usa Josué para conduzir o povo à terra prometida (Canaã).

**Coroa (Reino)** – O povo de Deus busca um rei. Samuel torna-se a transição entre os juizes e os reis de Israel: Saul (o primeiro rei), Davi e Salomão.

**Coroa Dividida** – Depois de Salomão, há uma guerra civil que leva à divisão do reino: Israel, o Reino do Norte, e Judá, o Reino do Sul. Houve vários reis. Alguns deles foram bons, mas a maioria foi má.

**Cativeiro** – Uma vez que o povo deixou de adorar somente a Deus, sofreu um terrível julgamento, incluindo a perda da terra prometida. Os inimigos deles os conduzem ao cativeiro. Israel é conquistado pelos assírios em 722 a.C., e Judá é conquistado e levado cativo pelos babilônios em 586 a.C.

**Caminho de volta (Retorno)** – Por fim, o povo regressa do Exílio sob a liderança de Esdras e Neemias.

**Cristo (ápice da história)** – Cerca de 400 anos mais tarde, Deus envia seu Filho, Jesus Cristo, para salvar seu povo do pecado. Jesus anuncia a vinda do Reino de Deus por meio de seus ensinamentos e milagres. Sua morte e ressurreição formam o ápice da história bíblica.

**Cristandade (Igreja)** – Os que aceitaram Jesus tornaram-se parte de sua Igreja – o povo de Deus –, incluindo judeus e gentios. Deus continua usando seu povo para estender a oferta de salvação ao mundo pecaminoso.

**Consumação** – Deus encerra a História com a vitória final sobre o mal. Os que rejeitaram Deus sofrem condenação, e os que o aceitam vivem com ele no novo céu e na nova terra. As promessas de Deus são então cumpridas (v. Ap 21.1-4). (HAYS; DUVALL, 2019, pp. 20-21.)

Em síntese, William Graham Scroogie, no livro *O Descortinar do Drama da Redenção*, afirma que “a unidade e progresso da revelação bíblica são demonstrados de forma contundente pelo fato da pessoa de Cristo dominar toda a revelação bíblica”. (SCROOGIE, 2013, p.13.) De acordo com o autor:

No Antigo Testamento, Cristo é profetizado; nos Evangelhos, Ele é apresentado; no livro de Atos, Ele é proclamado; nas Epístolas, Ele pode ser obtido e, no livro de Apocalipse, Ele é predominante. Cristo é o ponto focal de toda história, de toda a profecia, e de todos os tipos encontrados na Bíblia. A revelação divina converge para Ele no Antigo Testamento e emerge dEle no Novo Testamento. Ambas as partes da revelação encontram-se nEle, uma parte como preparação, e a outra, como realização. Desse ponto de vista, todas as partes da Bíblia, de livros a versículos, constituem uma revelação divina progressiva do amor redentor; Deus e homem encontram-se nAquele que é o Deus-Homem. (SCROOGIE, 2013, pp.13-14.)

#### 4. “A BÍBLIA – A MINISSÉRIE ÉPICA” (2013): TEOLOGIA E CULTURA DA MÍDIA

O projeto teve um escopo bastante ambicioso, indo de Gênesis ao Apocalipse. [...] A coincidência mais extraordinária foi que no último dia das filmagens acabamos agendando Adão e Eva e João e Jesus na Ilha de Pátmos. Portanto, no último dia das filmagens estávamos fazendo Gênesis e Apocalipse ao mesmo tempo.

Roma Downey. “*A Bíblia: Gênesis*” (2012)

A importância histórica e teológica exercida pelo poder imagético-discursivo da Bíblia Sagrada, potencializado, ao longo da história, a partir da união da vigorosa cosmovisão cristã do teodrama da *História da Salvação* com o poderoso “monomito” da *jornada do herói*, presentes nas histórias e crenças religiosas das mais distintas sociedades e diversificadas culturas em todo o mundo, foram os ingredientes fundamentais para o projeto ambicioso do casal britânico de produtores de televisão Roma Downey e Mark Burnett de adaptação das histórias das Sagradas Escrituras para as telas televisivas da minissérie americana *A Bíblia – A Minissérie Épica* (*The Bible – The Epic Miniseries*, 2013), que foi transmitida originalmente, em dez episódios, pelo canal de televisão americano *History Channel*, entre os dias 03 de março e 31 de março de 2013, alcançando uma audiência de 13,1 milhões de pessoas, fato que a tornou um dos programas mais assistidos do ano de 2013. (FREITAS, 2013.)

O sucesso da minissérie rendeu ao casal a aprovação de financiamento para a realização das produções do longa-metragem *O Filho de Deus* (*The Son of God*, dir. Christopher Spencer, EUA, 2014), que apresenta cenas adicionais aos cinco episódios sobre o Novo Testamento da minissérie *A Bíblia*, dedicados ao relato da vida e da paixão de Jesus Cristo, e da minissérie de doze episódios *A.D. The Bible Continues / Kingdom and Empire* (prod. Roma Downey, Mark Burnett e Richard Bedser, EUA, 2015), uma sequência das duas produções anteriores, iniciando com a crucificação e ressurreição de Jesus Cristo e prosseguindo com a atuação missionária dos apóstolos, baseada nos dez primeiros capítulos do livro bíblico *Atos dos Apóstolos*. Os frutos do sucesso chegaram também ao mercado editorial com o lançamento dos livros oficiais das duas minisséries – *A Bíblia: A História de Deus e de Todos Nós* (*The Story of God and All of Us*, 2013), versão romanceada do roteiro da minissérie, de autoria de Roma Downey e Mark Burnett, e de *A.D. – The Bible Continues: The Revolution That Changed the World* (2015), obra encomendada pelos criadores da minissérie ao pastor David Jeremiah para apresentar a história do livro bíblico *Atos dos Apóstolos* segundo a visão épica da trama da nova minissérie bíblica.

A minissérie *A Bíblia* apresentou uma narrativa da História Bíblica – estruturada em dez episódios que cobrem os livros de *Gênesis* ao *Apocalipse* (ou seja, da criação a consumação) – em consonância com as características que moldaram a visão teológica do *Teodrama* e a cosmovisão cristã da “História da

Salvação". Em entrevista ao *The Huffington Post*, de 28 de fevereiro de 2013, os criadores da minissérie procuraram ressaltar a sua visão interpretativa da História Bíblica como uma grande e única narrativa teodramática, afirmando:

Parte do que esperava conseguir com a série era mostrar que a Bíblia não é simplesmente uma coleção de histórias desconexas que são frequentemente discutidas e analisadas em trechos com capítulos e versículos. Em vez disso, queríamos mostrar como o Antigo Testamento se conecta perfeitamente com o Novo Testamento. Como elas são histórias arrebatadoras e com uma mensagem primordial: Deus ama cada um de nós como se fôssemos a única pessoa em todo o mundo para amar. (DOWNEY; BURNETT, 2013b.).

No documentário *A Bíblia: Gênesis (The Bible: Genesis, 2012)*, uma espécie de *making-off* dos bastidores da produção televisiva, o casal de produtores narra como surgiu a ideia de criação de uma minissérie sobre a Bíblia Sagrada:

*Roma Downey*: Temos três filhos adolescentes e algumas Páscoas atrás, os levamos para ver *Os Dez Mandamentos* [dir. Cecil B. DeMille, EUA, 1956], um filme que assistíamos todo ano ainda pequenos na Irlanda. Esperávamos que nossos filhos tivessem uma experiência semelhante à nossa. E, embora tivessem apreciado o conteúdo da história, acho que o filme não correspondeu à expectativa da atualidade deles. E acho que plantou em nossas mentes: Não há uma oportunidade aqui para alguém criar uma versão dessas histórias para esta geração?

No livro *A Bíblia: A História de Deus e de Todos Nós (The Story of God and All of Us, 2013)*, o casal não volta a relatar a experiência familiar de assistir aos antigos filmes bíblico-religiosos com os seus filhos como o fato responsável pelo "despertar" da ideia da produção televisiva da minissérie. Ao invés disso, porém, apresentam uma nova motivação mais abrangente religiosa e socialmente:

A princípio ficamos relutantes [em desenvolver o trabalho da minissérie bíblica], mas começamos a fazer pesquisas e descobrimos alguns fatos impressionantes: metade dos americanos não sabe quais são os primeiros livros da Bíblia; 12% dos cristãos dos Estados Unidos acreditam que Joana D'Arc foi esposa de Noé e muitos creem que Sodoma e Gomorra foram marido e mulher. Se nosso roteiro fez com que várias pessoas tivessem vontade de ler a Bíblia e lhes deu uma visão mais clara dessas histórias, então, se o transformássemos num romance, poderíamos incentivar ainda mais gente a se interessar pelo livro sagrado. (DOWNEY; BURNETT, 2013a, p. 05.)

Estimulados pelo desafio de levar as histórias bíblicas para a televisão, o casal de produtores encontrou, no entanto, alguns obstáculos iniciais em seu projeto audiovisual. Na "Nota dos Editores" do livro *A Bíblia: A História de Deus e de Todos Nós*, Downey e Burnett relatam em maior riqueza de detalhes como lidaram com essa questão:

Na primavera de 2011, começamos a trabalhar em uma minissérie de TV chamada *A Bíblia*. Ela começaria com o Livro do Gênesis e terminaria com o Apocalipse. Como você pode imaginar, logo de cara nos vimos diante de um imenso desafio: como contar essa história? Mais especificamente: como transformar uma narrativa sagrada que engloba milhares de anos e conta centenas de dramas individuais em um programa de apenas 10 horas de duração?

Tínhamos duas opções: ou selecionávamos dezenas de pequenos resumos e contávamos várias histórias curtas, ou escolhíamos um número menor de personagens e criávamos um roteiro cuja intensidade emocional fosse mais profunda.

Estava claro que a segunda opção era melhor.

Então nossa equipe de roteirista começou a escrever a série, sob a orientação de vários teólogos, consultores e especialistas na Bíblia. Todo esse conhecimento trouxe à tona um conjunto muito rico de imagens espirituais e históricas. Para nossa grande alegria, quando mostramos o trabalho para outras pessoas em busca de um feedback, a reação foi sempre a mesma: "Eu nunca tinha conseguido imaginar as histórias bíblicas com tanta clareza", "Preciso ler a Bíblia" e "Você deveriam publicar esse roteiro". (DOWNEY; BURNETT, 2013a, p. 05.)

Esse espírito da proposta foi ressaltado no documentário sobre a minissérie, quando o casal de produtores define o estilo que seria dado à narrativa bíblica:

*Roma Downey*: Nosso objetivo acho que foi ter um estilo mais docudrama. E conforme o projeto se desenvolveu e o roteiro se desenvolveu, tornou-se claro que realmente tínhamos o potencial para torná-lo mais um drama e isso é o que acabou sendo. Acho que, talvez, muitos de nós ainda se prendem às histórias que nos contaram quando crianças. Realmente não consideramos algumas dessas histórias através de olhos adultos.

Na contracapa do livro é explicitada a contribuição da abordagem teodramática e romanceada que os produtores imprimem na minissérie televisiva nos seguintes termos:

As histórias da Bíblia são incríveis relatos de fé, coragem, paixões, guerras, traições e poder. Por trás da mensagem espiritual contida em suas páginas, há uma aventura épica empolgante, repleta de guerreiros, rebeldes profetas e reis, todos chamados por Deus para revelar Seu maior pela humanidade. [...]

Inspirado na minissérie *A Bíblia*, este livro narra alguns dos mais importantes episódios das Escrituras, desde a criação do homem até a passagem de Jesus pela Terra, cuja vida, morte e ressurreição trouxeram a salvação para todos nós. [...]

Eletrizante como um suspense, comovente como o mais belo romance de todos os tempos, este livro [assim como a minissérie televisiva] vai conquistar até mesmo aqueles que nunca imaginaram se empolgar com as histórias da Bíblia. (DOWNEY; BURNETT, 2013a, Contracapa.)

A minissérie televisiva *A Bíblia* é composta de dez episódios, de cerca de 44 minutos cada um, totalizando 440 minutos de duração. Os episódios apresentam, de acordo com a sinopse oficial dos produtores nas mídias de dvd e blu-ray, a seguinte estrutura de composição narrativa teodramática:

**(1) No Princípio:** A história bíblica começa no cenário do Dilúvio, momento em que Noé conta aos seus familiares na arca sobre a história da criação do mundo e da humanidade por Deus, destacando as histórias de Adão e Eva e dos seus filhos Abel e Caim e de como o pecado, a maldade e a degeneração dos seus descendentes levou à necessidade de Deus purificar o mundo. Após o Dilúvio, inicia-se um novo capítulo do relacionamento de Deus com a humanidade: Abraão é escolhido por Deus para conduzir seu povo à Terra Prometida e Ihe são concedidos descendentes tão numerosos quanto as estrelas, mas Deus testa sua fé em diversas oportunidades;

**(2) Êxodo:** Gerações mais tarde, a fome leva os descendentes de Abraão – os hebreus – ao Egito, onde são escravizados pelo Faraó. Durante o exílio, Deus diz a Moisés que Ele libertaria o povo hebreu da escravidão. Moisés volta ao Egito e, com a ajuda de dez pragas devastadoras e do milagre da abertura do Mar Vermelho, conduz os hebreus à liberdade. No Monte Sinai, Moisés recebe as leis de Deus (“Os Dez Mandamentos”) que prepararão os israelitas para a vida na nova terra (“a Terra Prometida”);

**(3) Pátria:** Os israelitas estão prontos para iniciar uma nova vida na Terra Prometida e, quando as muralhas de Jericó caem milagrosamente, eles finalmente conseguem entrar em Canaã. No princípio, os hebreus, agora denominados israelitas, enfrentam inúmeros invasores estrangeiros, pois desobedeceram a Deus. Os filisteus eventualmente os governam até que Deus dá a Sansão a força física para lutar. Os filisteus mantêm a vantagem, então os israelitas exigem um rei que possa liberá-los na batalha. Relutantemente, o profeta Samuel coroa Saul como rei;

**(4) Reino:** O Rei Saul e o exército israelita enfrentam uma tarefa aparentemente impossível contra os filisteus e seu campeão Golias. O jovem Davi, um herói que ninguém acreditava, vence o gigante Golias e lidera os israelitas numa batalha contra os filisteus. Saul teme que Davi queira roubar seu trono e trai o seu leal guerreiro. Essa é a desgraça de Saul. Davi torna-se rei e, posteriormente, conquista Jerusalém para os israelitas;

**(5) Sobrevivência:** Quase quatrocentos anos após o reinado de Davi, hordas babilônicas sitiaram Jerusalém e forçaram os judeus a exilarem-se na Babilônia, lugar onde sua identidade e fé são testadas. Décadas depois, Ciro, rei da Pérsia, conquista a Babilônia. Cumprindo uma profecia bíblica, Ciro permite que os judeus voltem à sua terra natal;

**(6) Esperança:** Em meio ao pano de fundo de opressão romana, a fé da jovem Maria é recompensada quando o anjo Gabriel lhe diz que ela está esperando uma criança especial, o “Filho de Deus”. Maria e José tem Jesus e, já desde o princípio, sua vida corre perigo. Mas com a orientação de seus pais e o batismo feito por João Batista, Jesus se torna forte o bastante para enfrentar até Satanás;

**(7) Missão:** Jesus e seus discípulos andam de cidade em cidade, pregando amor e perdão, mas essa aproximação radical não é bem-vinda por todos. Os milagres de Jesus tornam-se cada vez mais maravilhosos até que ele domina a própria morte, ressuscitando Lázaro do túmulo;

**(8) Traição:** Jesus chega a Jerusalém, declarando abertamente que é o Messias prometido. O Sumo Sacerdote Caifás teme que as multidões ardorosas iniciem uma revolta e encontra um modo de chegar a Jesus – através de Judas. Na Última Ceia, Jesus diz a seus discípulos que um deles o trairá. Eles não podem fazer nada quando Jesus é preso e levado a julgamento;

**(9) Crucificação:** Jesus é sentenciado a morte na cruz. As multidões de Jerusalém lamentam enquanto Jesus é forçado a arrastar sua cruz até o Calvário, onde é crucificado à vista de todos. Quando a vida deixa seu corpo, o céu escurece e a terra treme. Maria, sua mãe, chora;

**(10) Coragem:** Maria Madalena acha que enlouqueceu quando encontra o túmulo de Jesus vazio, mas então, Jesus aparece para ela. Ressuscitado, Jesus Cristo transmite a mensagem final a seus discípulos antes de ascender aos céus. Inicia a saga dos apóstolos e a missão de criar a Igreja de Cristo. Pedro, João e o recém-convertido Paulo de Tarso são os protagonistas dos “Atos dos Apóstolos” e dos anos de formação da Igreja de Cristo. Ao final, o apóstolo João reencontra Jesus Cristo que lhe revela o livro do *Apocalipse* e promete que, em Espírito, estará sempre com a humanidade até o final dos nossos dias.

No documentário *A Bíblia: Gênesis*, os produtores Roma Downey e Mark Burnet procuram sintetizar

o objetivo da minissérie televisiva em conseguir levar para o maior número pessoas as palavras de fé e esperança de Jesus Cristo:

*Mark Burnett:* Nosso trabalho não é ensinar a Bíblia. Estamos contando a metanarrativa, a grande história. No final de contas, estamos contando uma história de amor. O amor de Deus por seu povo. Uma história de esperança. Uma história de perdão, de bondade. Esse é o fio da meada aqui. E se você nunca leu a Bíblia, talvez adore isto.

*Roma Downey:* Tenho três esperanças para a minissérie: Uma: que para as pessoas de fé a minissérie simplesmente sirva como um belo lembrete de quão magnífica é a nossa história da Bíblia e que isso encha os seus corações. Para as pessoas, talvez, que foram criadas na fé, mas se afastaram, a minissérie pode vir a ser a chama que reascende essa fé. E há também a oportunidade para as pessoas que nunca ouviram falar da Palavra de Deus. Esta minissérie irá ao ar no mundo todo e tocará a vida de milhões de pessoas. Tem o potencial de brilhar uma luz onde a luz nunca brilhou antes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas.  
*Bíblia Sagrada. Isaías, 45:7.*

O artigo realizou um estudo sobre a cosmovisão cristã do teodrama da grande narrativa da História da Salvação nas Sagradas Escrituras e na minissérie televisiva *“A Bíblia – A Minissérie Épica”* (2013). Como ponto de partida para a discussão, começamos por investigar a natureza da Bíblia Sagrada e o processo de transmissão – escrita e oral – e composição dos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamentos e a forma como a sua redação possibilitou, de acordo com a tradição judaico-cristã, o progresso da revelação do Plano de Deus para a humanidade.

A investigação revelou que houve, desde o início, uma preocupação do povo hebreu em registrar a sua história e a formação das alianças com Deus, tanto através da transmissão oral, quanto pela transmissão escrita. Na sequência, ao procurar compreender a natureza divina e humana das Sagradas Escrituras e de como as características dos “quesitos divinos” foram necessárias para o processo de formação histórica do cânon bíblico do Antigo e do Novo Testamentos, verificamos como o processo composição final e canonização dos textos bíblicos duraram vários séculos e só foram concluídos no momento dos embates da Reforma Protestante e da Contrarreforma Católica no século XVI.

Tendo-se em vista que a formação e a unificação do cânon bíblico do Antigo e do Novo Testamentos ocorreram a partir da concepção interpretativa de que a unidade dos livros bíblicos apresenta o progresso de revelação do Plano de Deus para a humanidade, na sequência buscamos realizar um estudo do papel da cosmovisão cristã e da Teologia Teodramática para a interpretação bíblica das Sagradas Escrituras através de um enfoque que privilegiou a noção da “Grande Narrativa do Teodrama da História da Salvação”. Ou seja, sob a ótica do teodrama, verificamos como os conceitos centrais de *Aliança de Deus* (do Antigo Testamento), de *Reino de Deus* (do Novo Testamento) e da vinda do *Messias-Mediador* (presente em todos os livros bíblicos), alicerçaram a grande narrativa histórica da Bíblia Sagrada, se complementando e possibilitando uma análise que contempla os aspectos da estrutura (princípio organizador e fio condutor da narrativa bíblica), do conteúdo (apresentação e desenrolar da trama bíblica) e do canal de veiculação (a cosmovisão cristã preconizada *pela* e *através* da mensagem bíblica), responsáveis por transformar a leitura dos textos das Sagradas Escrituras numa forma mais acessível aos corações e as mentes humanos.

Em virtude da cosmovisão cristã do teodrama da História da Salvação ser uma interpretação bíblica bastante sedutora e altamente influente nas Igrejas e na cultura midiática contemporâneas, concluímos o artigo analisando a gênese do projeto de criação da minissérie televisiva americana *A Bíblia – A Minissérie Épica*, considerada a produção audiovisual contemporânea mais representativa na cultura da mídia da cosmovisão cristã da “Grande Narrativa do Teodrama da História da Salvação”.

A minissérie televisiva *A Bíblia* se destacou ainda ao utilizar, para conquistar maiores números de audiência, o modelo de dramatização das Sagradas Escrituras baseado no enfoque da teologia teodramática e na estrutura narrativa do monomito da “jornada do herói”, em que as personagens dos protagonistas bíblicos da minissérie seguiram a fórmula maniqueísta de “luta do bem versus o mal”, já lucrativamente consolidada pela cultura da mídia nas mentes e corações das plateias de espectadores em todo o mundo.

Em síntese, a pesquisa procurou investigar o processo histórico de transmissão, composição e formação do cânon bíblico e a forma como a visão interpretativa da Teologia Teodramática a respeito da “unidade orgânica” da grande narrativa bíblica da História da Salvação tornou-se hegemônica, tendo, inclusive, contado com o auxílio valioso da cultura da mídia, conforme exemplificado pela representativa produção televisiva de *A Bíblia – A Minissérie Épica*.

## 6. REFERÊNCIAS

- BARTHOLOMEW, C. G.; GOHEEN, M. W. **O Drama das Escrituras**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BÍBLIA de Estudo de Genebra**. Barueri: SBB/Cultura Cristã, 2009.
- BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CESARÉIA, E. de. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.
- CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Liber, 2001.
- CULLMANN, O. **História da Salvação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.
- DOWNEY, R.; BURNETT, M. **A Bíblia: A História de Deus e de Todos Nós**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013a.
- DOWNEY, R.; BURNETT, M. “Making The Bible a Daunting, Deep Experience”. **The Huffington Post**. 28 de fevereiro de 2013b.
- FREITAS, A. de. “Série sobre a Bíblia com Diogo Morgado bate recorde de audiências nos EUA”. **Público**, 8 de março de 2013.
- FREUD, S. “A Questão de uma Weltanschauung” [1932]. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. XXII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FULLER, D. P. **A Unidade da Bíblia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.
- GEISLER, N.; NIX, W. **Introdução Bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Editora PUC, 2019.
- JEREMIAH, D. **A.D. – The Bible Continues**. Illinois: Tyndale, 2015.
- KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. **Convite à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LOPES, C. “O gênero apocalíptico na literatura judaica intertestamentária: reflexões à luz da teoria literária em diálogo com a teologia”. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 196-225, jan./abr. 2019.
- MARSHALL, I. H. “História da Salvação” (Verbetes). In: FERGUSON, S. B.; WRIGHT, D.; PACKER, J. I. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009a.
- MARSHALL, I. H. “Salvação” (Verbetes). In: FERGUSON, S. B.; WRIGHT, D. F.; PACKER, J. I. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009b.
- MCGRATH, A. **A Fé e os Cremos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- MILLER, S. M.; HUBER, R. V. **A Bíblia e sua história**. Barueri: SBB, 2006.
- NAUGLE, D. K. **Cosmovisão: A História de um Conceito**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.
- PACKER, J. I. “Escritura” (Verbetes). In: FERGUSON, S. B.; WRIGHT, D.; PACKER, J. I. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- PRIOTTO, M. **Introdução Geral às Escrituras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- ROGERSON, J. **Bíblia: Os Caminhos de Deus – Vol. I**. Madri: Edições del Prado, 1996.
- RYKEN, L. **Para ler a Bíblia como literatura**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- SCROOGIE, W. G. **O Descortinar do Drama da Redenção**. Belo Horizonte: Tesouro Aberto, 2013.
- VAN GRONINGEN, G. **Criação e Consumo**. 3 vols. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

Contatos: [wagnerpp001@gmail.com](mailto:wagnerpp001@gmail.com) e [gerson.moraes@mackenzie.br](mailto:gerson.moraes@mackenzie.br)